

A escrava

Antologia de prosa e versos

Maria Firmina dos Reis

edição brasileira© Hedra 2021
organização© Rodrigo Jorge Ribeiro Neves

edição Jorge Sallum
coedição Suzana Salama
assistência editorial Paulo Henrique Pompermaier
revisão Renier Silva
capa Lucas-K

ISBN 978-65-89705-25-3
conselho editorial Adriano Scatolin,
Antonio Valverde,
Caio Gagliardi,
Jorge Sallum,
Ricardo Valle,
Tales Ab'Saber,
Tâmis Parron

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br
Foi feito o depósito legal.

A escrava

Antologia de prosa e versos

Maria Firmina dos Reis

Rodrigo Jorge Ribeiro Neves (*organização*)

1ª edição

hedra

São Paulo 2021

A escrava consiste em uma seleção de importantes textos em prosa e poemas de Maria Firmina dos Reis, como o conto “A escrava”, de 1887, a novela “Gupeva”, de 1861, e 32 poemas: dos quais 29 foram extraídos entre os 56 de *Cantos à beira-mar* (1871), dois da antologia *Parnaso maranhense* (1861), e o famoso “Hino à liberdade dos escravos”, originalmente escrito para ser cantado e acompanhado por instrumentos musicais. Nesta seleção, apresentam-se alguns dos principais elementos que caracterizam a literatura da escritora: a situação dos escravizados, que passam a ter protagonismo nas narrativas, o papel da mulher na sociedade, as condições dos povos indígenas, um sentimentalismo romântico amoroso e a exaltação da terra.

Maria Firmina dos Reis (São Luis, MA, 1822–Guimarães, MA, 1917) é considerada a primeira romancista negra da história da literatura brasileira. Em 1847, concorreu à cadeira de Instrução Primária em Guimarães, cidade para a qual se mudou aos cinco anos com sua mãe e sua irmã para viver na casa de uma tia de melhores condições financeiras. Lecionou até 1881, sendo que, em 1880, aos 54 anos, criou uma sala de aula mista e gratuita em Maçaricó, a poucos quilômetros de Guimarães. Sua estreia literária, com o romance *Úrsula*, em 1859, já portava características abolicionistas, que ficariam evidentes em um conto como “A escrava”. Também publicou poemas em diversos jornais maranhenses ao longo da década de 1860, depois antologizados em *Cantos à beira-mar*. Também foi compositora e musicista. Sua obra passou a ser lida novamente apenas em 1962, quando o historiador Horácio de Almeida descobriu um exemplar de *Úrsula* entre um lote de livros antigos adquiridos no Rio de Janeiro.

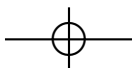
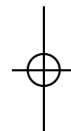
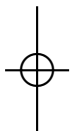
Rodrigo Jorge Ribeiro Neves é doutor em Estudos de Literatura e mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Foi pesquisador visitante na Princeton University (EUA) e bolsista da Fundação Casa de Rui Barbosa. Atuou como docente de literatura brasileira na UFF e na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Desenvolveu pesquisa de pós-doutorado no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP) e na Universidad de Alcalá, Espanha.

Coleção Metabiblioteca foi pensada para edições anotadas, obras completas ou escolhidas de cânones da literatura em língua portuguesa. Desde estabelecimento de textos até novas hipóteses de leitura, a coleção propõe publicações que vão além do que geralmente é conhecido como vernáculo.

Sumário

Apresentação.....	7
PROSA.	13
A escrava.....	15
Gupeva.....	31
VERSOS.	57
Uma lágrima.....	59
Minha terra.....	63
A lua brasileira.....	67
Uma tarde em Cumã.....	71
Súplica.....	73
Dirceu.....	77
O meu segredo.....	81
Ah! Não posso!.....	85
Sonho ou visão?.....	87
Por ocasião da tomada de Villeta e ocupação de Assunção.....	89
No álbum de uma amiga.....	91
Seu nome.....	93
Meus amores.....	95
Confissão.....	97
Te Deum.....	99
Visão.....	103
A mendiga.....	107
O proscrito.....	113
A dor, que não tem cura.....	115
Amor.....	117

Itaculumim	119
Meditação	125
Embora eu goste	129
Não quero amar mais ninguém	133
Minha alma	135
A vida é sonho	137
Nênia	139
Uns olhos	143
A uma amiga	145
Por ver-te	147
Minha vida	149
Hino à liberdade dos escravos	151



Apresentação

RODRIGO JORGE RIBEIRO NEVES

Maria Firmina dos Reis nasceu no dia 11 de março de 1822, ano em que o Brasil se tornava independente de Portugal, em São Luís do Maranhão. Filha de Leonor Felipa dos Reis, escrava alforriada e, segundo seu registro de óbito, João Pedro Esteves, homem abastado e sócio do antigo dono de sua mãe. Considerada a primeira escritora negra do Brasil, foi também professora primária, compositora, musicista e criadora da primeira escola de meninas e meninos do país, fundada em Maçaricó, povoado próximo ao município maranhense de Guimarães; as aulas, gratuitas, eram ministradas dentro de um barracão na propriedade de um senhor de engenho. No entanto, a escola mista não chegou a durar três anos em decorrência da insatisfação gerada na cidade.

A escritora cresceu e viveu em meio a uma sociedade elitista, escravocrata e patriarcal. O estado do Maranhão era mais um a expressar seu elitismo por meio do acesso limitado ao ensino. Na época, só existiam cursos de Medicina e Direito, portanto escritores faziam parte de um grupo extremamente restrito. A maioria eram homens brancos, economicamente privilegiados, com acesso ao estudo das letras e recursos para a publicação de seus trabalhos. Maria Firmina dos Reis viveu a Independência do Brasil em 1822, a promulgação da 1ª Constituição em 1824, a Lei Eusébio de Queiroz de 1850, a Abolição da Escravidão em 1888, a Proclamação da República em 1889, assim como todas as mudanças que surgiram no país e no mundo com a virada do século.

Conheceu a literatura ao mudar-se para a vila de São José de Guimarães, em 1830. Sua relação com parentes ligados ao meio cultural, como o gramático Sotero dos Reis, somada ao autodidatismo, construíram seu amor pelas letras. Pela via da ficção, Firmina foi a primeira a colocar o negro como sujeito humanizado, munido de voz capaz de relatar suas tragédias como instrumento de denúncia à escravidão. Pequena, de rosto redondo, olhos escuros e cabelos crespos, escreveu sua obra mais conhecida com o pseudônimo de *Uma Maranhense*. A partir da publicação de *Úrsula* em 1859, apontado como o primeiro romance abolicionista do Brasil, Maria Firmina dos Reis passou a contribuir para a imprensa local com textos e poemas, além de escrever um conto, uma novela, um livro de poesias e diversas composições musicais. Entre suas principais obras estão *Úrsula*, *Cantos à beira-mar*, de 1871, e “Hino à liberdade dos escravos”, de 1888.

Conta-se que, quando foi tomar posse como a primeira mulher a ser aprovada em um concurso público no Maranhão para o cargo de professora de primário, com pouco mais de 20 anos, Firmina recusou o transporte em uma liteira carregada por escravizados, preferindo ir a pé: “Negro não é animal para se andar montado nele”. Maria Firmina dos Reis, única mulher dentre os bustos de importantes escritores maranhenses homenageados na Praça do Pantheon, São Luís, morreu no dia 11 de novembro de 1917 aos 95 anos, cega e pobre, na casa de Mariazinha, ex-escravizada e mãe de um de seus filhos de criação.

Segundo Régia Agostinho da Silva, professora da Universidade Federal do Maranhão e autora do artigo “A mente, essa ninguém pode escravizar: Maria Firmina dos Reis e a escrita feita por mulheres no Maranhão”, na literatura da escritora “os escravos são nobres e generosos. Estão em pé de igualdade com os brancos e, quando a autora dá voz a eles, deixa que eles mesmos contem suas tragédias. O que já é um salto imenso em relação

a outros textos abolicionistas.” Para Régia da Silva, esse é um dos prováveis motivos pelos quais a obra da autora passou tantas décadas esquecida e desconhecida do grande público:

O assunto de que tratava era insalubre demais, uma fala antiescravista em uma das províncias mais escravistas do Brasil. Não a levaram a sério localmente, não queriam ouvi-la falando. E ela não teve como levar seu texto para outros lugares.¹

MARIA FIRMINA NO SÉCULO XX

Foi somente em 1962, em um sebo do Rio de Janeiro, que a obra de Maria Firmina dos Reis foi recuperada pelo historiador paraibano Horácio de Almeida. Nos registros oficiais da Câmara dos Vereadores de Guimarães, sua gravura é, na realidade, a de uma mulher branca, tal como seu busto no Museu Histórico do Maranhão, retrato de uma mulher de nariz fino e cabelos lisos. Através dos novos olhares lançados sobre os estudos da literatura afro-brasileira e da literatura escrita por mulheres, vida e obra de Maria Firmina dos Reis passam a ser resgatadas, integrando-a, aos poucos, ao cânone literário brasileiro.

Outra importante fonte de informações sobre a vida autora é seu famoso *Álbum*, compilação de anotações pessoais da autora que foi disponibilizado ao seu biógrafo, José Nascimento Morais Filho, por um dos filhos de criação da autora, Leude Guimarães. O comentário da professora e pesquisadora Maria Helena Pereira Toledo Machado acerca do *Álbum* é elucidativo de alguns importantes aspectos biográficos de Maria Firmina:

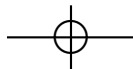
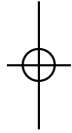
O *Álbum* agrupa diferentes tipos de registro, que seguem os parâmetros usuais da redação de diário característicos do século XIX: anotações de datas familiares e comemorativas, de visitas e participações em eventos sociais, como casamentos, de partidas e chegadas de viagem, e reflexões sobre a vida da autora. Nesse conjunto, chamam atenção as

1. SILVA, Régia Agostinho da *apud* D'ANGELO, Helô. “Quem foi Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira romancista negra”. São Paulo: *Cult*, 2017. Disponível em hedra.com.br/r/315.

entradas referentes às sucessivas perdas dos filhos adotivos ou afilhados (Firmina se encarregou da criação de onze crianças, algumas delas filhas de escravas/ os), cujas notas revelam o fundo sofrimento que cada uma das mortes acarretou.

Manifestando incompreensão trágica e esforço de conformação com a vontade divina, esses apontamentos invariavelmente terminam com a frase “que a terra lhe seja leve”, imprimindo um tom ainda mais soturno à redação. Por fim, as reflexões sobre sua vida exprimem um profundo senso de solidão, fragilidade e melancolia, expresso em paisagens noturnas, visões do infinito e do vazio, e aguda consciência de sua individualidade. Esse é considerado o primeiro diário redigido por uma mulher a ser publicado no Brasil.²

PROSA



A escrava

Em um salão onde se achavam reunidas muitas pessoas distintas, e bem colocadas na sociedade, e depois de versar a conversação sobre diversos assuntos mais ou menos interessantes, recaiu sobre o elemento servil.

O assunto era por sem dúvida de alta importância. A conversação era geral; as opiniões, porém, divergiam. Começou a discussão. 5

— Admira-me, — disse uma senhora de sentimentos sinceramente abolicionistas; — faz-me até pasmar como se possa sentir e expressar sentimentos escravocratas, no presente século, no século dezenove! A moral religiosa e a moral cívica aí se erguem, e falam bem alto esmagando a hidra que envenena a família no mais sagrado santuário seu, e desmoraliza, e avilta a nação inteira! Levantai os olhos ao Gólgota, ou percorrei-os em torno da sociedade, e dizei-me: 10 15

— Para quê se deu em sacrifício o Homem Deus, que ali exalou seu derradeiro alento? Ah! Então não é verdade que seu sangue era o resgate do homem! É então uma mentira abominável ter esse sangue comprado a liberdade!? E depois, olhai a sociedade... Não vedes o abutre que a corrói constantemente!... Não sentis a desmoralização que a enerva, o cancro que a destrói? 20

Por qualquer modo que encaremos a escravidão, ela é, e será sempre um grande mal. Dela a decadência do comércio; porque o comércio e a lavoura caminham de mãos dadas, e o escravo não pode fazer florescer a lavoura; porque o seu trabalho é forçado. Ele não tem futuro; o seu trabalho não é indenizado; ainda dela nos vem o opróbrio, a vergonha; porque de frente altiva e desassombrada não podemos encarar as nações livres; por isso que o 25

estigma da escravidão, pelo cruzamento das raças, estampa-se na frente de todos nós. Embalde procurará um dentre nós, convencer ao estrangeiro que em suas veias não gira uma só gota de sangue escravo...

5 E depois, o caráter que nos imprime e nos envergonha! O escravo é olhado por todos como vítima — e o é.

O senhor, que papel representa na opinião social?

O senhor é o verdugo — e esta qualificação é hedionda.

10 Eu vou narrar-vos, se me quiserdes prestar atenção, um fato que ultimamente se deu. Poderia citar-vos uma infinidade deles; mas este basta, para provar o que acabo de dizer sobre o algoz e a vítima.

E ela começou:

15 — Era uma tarde de agosto, bela como um ideal de mulher, poética como um suspiro de virgem, melancólica e suave como sons longínquos de um alaúde misterioso.

Eu cismava, embevecida na beleza natural das alterosas palmeiras que se curvaram gemebundas, ao sopro do vento, que gemia na costa.

20 E o sol, dardejando seus raios multicores, pedia para o ocaso em rápida carreira.

Não sei que sensações desconhecidas me agitavam, não sei!... Mas sentia-me com disposições para o pranto.

25 De repente uns gritos lastimosos, uns soluços angustiados feriram-me os ouvidos, e uma mulher correndo, e em completo desalinho, passou por diante de mim, e como uma sombra desapareceu.

30 Segui-a com a vista. Ela espavorida, e trêmula, deu a volta em torno de uma grande moita de murta, e colando-se no chão nela se ocultou.

Surpresa com a aparição daquela mulher, que parecia foragida, daquela mulher que um minuto antes quebrara a solidão com seus ais lamentosos, com gemidos magoados, com gritos de suprema angústia, permaneci com a vista alongada e olhar fixo, 35 no lugar que a vi ocultar-se.

Ela muda, e imóvel, ali ficou-se.

Eu então a mim mesma, interroguei:

— Quem será a desditosa?

Ia procurá-la — coitada! Uma palavra de animação, um socorro, algum serviço, lembrei-me, poderia prestar-lhe. Ergui-me. 5

Mas, no momento mesmo em que este pensamento, que acode a todo homem em idênticas circunstâncias, se me despertava, um homem apareceu no extremo oposto do caminho.

Era ele de cor parda, de estatura elevada, largas espáduas, cabelos negros, e anelados. 10

Fisionomia sinistra era a desse homem, que brandia, brutalmente, na mão direita um azorrague repugnante; e da esquerda deixava pender uma delgada corda de linho.

— Inferno! Maldição! — bradara ele com voz rouca. — Onde estará ela? — e perscrutava com a vista por entre os arvoredos desiguais que desfilavam à margem da estrada. 15

— Tu me pagarás — resmungava ele. — E aproximando-se de mim:

Não viu, minha senhora, — interrogou com acento, cuja dureza procurava reprimir, — não viu por aqui passar uma negra, que me fugiu das mãos ainda há pouco? Uma negra que se fingia doida... Tenho as calças rotas de correr atrás dela por estas bre-nhas. Já não tenho fôlego. 20

Aquele homem de aspecto feroz era o algoz daquela pobre vítima, compreendi com horror. 25

De pronto tive um expediente. — Vi-a, tornei-lhe com a naturalidade, que o caso exigia; — vi-a, e ela também me viu, corria em direção a este lugar; mas parecendo intimidar-se com minha presença, tomou direção oposta, volvendo-se repentinamente sobre seus passos. Por fim a vi desaparecer, internando-se na espessura, muito além da senda que ali se abre. 30

E dizendo isto, indiquei-lhe com um aceno a senda que ficava a mais de cem passos de distância, aquém do morro em que me achava.

Minhas palavras inexatas, o ardil de que me servi, visavam a fazê-lo retroceder: logrei o meu intento.

Franziu o sobrolho, e sua fisionomia traiu a cólera que o assaltou.

5 Mordeu os beiços e rugiu:

— Maldita negra! Esbaforido, consumido, a meter-me por estes caminhos, pelos matos em procura da preguiçosa... Ora! Hei de encontrar-te; mas, deixa estar, eu te juro, será esta a derradeira vez que me incomodas. No tronco... no tronco: e de lá foge!

10 — Então, — perguntei-lhe, aparentando o mais profundo indiferentismo, pela sorte da desgraçada, — foge sempre?

— Sempre, minha senhora. Ao menor descuido foge. Quer fazer acreditar que é doida.

15 — Doida! — exclamei involuntariamente, e com acento que traía os meus sentimentos.

Mas o homem do azorrague não pareceu reparar nisso, e continuou:

— Doida... doida fingida, caro te há de custar.

20 Acreditei-o o senhor daquela mísera; mas empenhada em vê-lo desaparecer daquele lugar, disse-lhe:

— A noite se avizinha, e se a deixa ir mais longe, difícil lhe será encontrá-la.

25 — Tem razão, minha senhora; eu parto imediatamente, — e cumprimentando-me rudemente, retrocedeu correndo a mesma estrada que lhe tinha maliciosamente indicado.

Exalei um suspiro de alívio, ao vê-lo desaparecer na dobra do caminho.

30 O sol de todo sumia-se na orla cinzenta do horizonte, o vento paralisado não agitava as franças dos anosos arvoredos, só o mar gemia ao longe da costa, semelhando o arquejar monótono de um agonizante.

Ergui ao céu um voto de gratidão; e lembrei-me que era tempo de procurar minha desditosa protegida.

Ergui-me cônica de que ninguém me observava, e acercava-me já da moita de murta, quando um homem rompendo a espessura, apareceu ofegante, trêmulo e desvairado.

Confesso que semelhante aparição causou-me um terror imenso. Lembrei-me dos criados, que eu tinha convocado a essa hora naquele lugar, e que ainda não chegavam. Tive medo.

Parei instantaneamente, e fixei-o. Apesar do terror que me havia inspirado, fixei-o resolutamente.

De repente, serenou o meu temor; olhei-o, e do medo, passei à consideração, ao interesse.

Era quase uma ofensa ao pudor fixar a vista sobre aquele infeliz, cujo corpo seminu mostrava-se coberto de recentes cicatrizes; entretanto sua fisionomia era franca, e agradável. O rosto negro, e descarnado; suposto seu juvenil aspecto aljofarado de copioso suor, seus membros alquebrados de cansaço, seus olhos rasgados, ora deferindo luz errante, e trêmula, agitada, e incerta traduzindo a excitação, e o terror, tinham um quê de altamente interessante.

No fundo do coração daquele pobre rapaz, devia haver rasgos de amor, e generosidade.

Cruzamos ele e eu as vistas, e ambos recuamos espavoridos. Eu, pelo aspecto comovente e triste daquele infeliz, tão deserdado da sorte; ele, por que seria?

Isto teve a duração de um segundo apenas: recobrei ânimo em presença de tanta miséria, e tanta humilhação, e este ânimo procurei de pronto transmitir-lhe.

Longe de lhe ser hostil, o pobre negro compreendeu que eu ia talvez minorar o rigor de sua sorte; parou instantaneamente, cruzou as mãos no peito, e com voz súplice, murmurou algumas palavras que eu não pude entender.

Aquela atitude comovedora despertou-me compaixão; apesar do medo que nos causa a presença dum calhambola, aproximei-me dele, e com voz, que bem compreendeu ser protetora e amiga, disse-lhe:

— Quem és, filho? O que procuras?

— Ah! Minha senhora, — exclamou erguendo os olhos ao

céu, — eu procuro minha mãe, que correu nesta direção, fugindo ao cruel feitor, que a perseguia. Eu também agora sou um fugido: porque há uma hora deixei o serviço para procurar minha pobre mãe, que além de doida está quase a morrer. Não sei se ele a encontrou; e o que será dela. Ah! Minha mãe! É preciso que eu corra, a ver se acho antes que o feitor a encontre.

— Aquele homem é um tigre, minha senhora, é uma fera.

Ouvia-o, sem o interromper, tanto interesse me inspirava o mísero escravo.

— Amanhã, — continuou ele, — hei de ser castigado; porque saí do serviço, antes das seis horas, hei de ter trezentos açoites; mas minha mãe morrerá se ele a encontrar. Estava no serviço, coitada! Minha mãe caiu, desfalecida; o feitor lhe impôs que trabalhasse, dando-lhe açoites; ela deitou a correr gritando. Ele correu atrás. Eu corri também, corri até aqui porque foi esta a direção que tomaram. Mas, onde está ela, onde estará ele?

— Escuta, — lhe tornei então, — tua mãe está salva, salvou-a o acaso; e o feitor está agora bem longe daqui.

— Ah! Minha senhora, onde, onde está a minha mãe e quem a salvou?

— Segue-me, — disse eu — tua mãe está ali — e aponte para a moita onde se refugiara.

— Minha mãe, — sem receio de ser ouvido, exclamou o filho — minha mãe!...

Com efeito, ali com a fronte reclinada sobre um tronco decepado; e o corpo distendido no chão, dormia um sono agitado a infeliz foragida.

— Minha mãe, — gritou-lhe ao ouvido curvando os joelhos em terra, e tomando-a nos seus braços. — Minha mãe... sou Gabriel...

A esta exclamação de pungente angústia, a mísera pareceu despertar.

Olhou-a fixamente; mas não articulou um som.

— Ah! — redarguiu Gabriel, — ah! Minha senhora! Minha mãe morre!

Concheguei-me àquele grupo interessante a fim de prestar-lhe algum serviço. Com efeito era tempo. Ela era presa dum ataque espasmódico. Estava hirta e parecia prestes a exalar o derradeiro suspiro.

— Não, ela não morre deste ataque; mas é preciso prestar-lhe pronto socorro, — disse-lhe. 5

— Diga, minha senhora, — tornou o rapaz na mais pungente ansiedade, — que devo fazer? Volte eu embora à fazenda, seja castigado com rigor; mas não quero, não posso ver minha mãe morrer aqui, sem socorro algum. 10

— Sossega, — disse-lhe, vendo assomar ao morro, donde observavam tudo que acabo de narrar, os meus criados, que me procuravam; — espera, disse-lhe:

Vou fazer transportar tua mãe, à minha casa, e lhe farei tornar à vida. 15

— Diga, minha senhora, ordene.

— Não moro presentemente longe daqui. Sabes a distância que vai daqui à praia? Estou nos banhos salgados.

— Sei, sim, senhora, é muito perto. Que devo então fazer?

— Tu, e estes homens — os criados acabavam de chegar — vão transportá-la imediatamente à minha morada, e lá procurarei reanimá-la. 20

— Oh! Minha senhora, que bondade! — foi só o que disse e, ato contínuo, tomou nos braços a pobre mãe, ainda entregue ao seu dorido paroxismo, disse: 25

— Minha senhora, eu só levaria minha mãe ao fim do mundo.

Senti-me tocada de veneração em presença daquele amor filial, tão singelamente manifestado.

— Sigamos, então, — tornei eu.

Gabriel caminhava tão apressadamente que eu mal podia acompanhá-lo. 30

Em menos de quinze minutos transpúnhamos o umbral da casinha, que há dois dias apenas eu habitava.

Eu bem conhecia a gravidade do meu ato: recebia em meu

lar dois escravos foragidos, e escravos talvez de algum poderoso senhor; era expor-me à vindita da lei; mas em primeiro lugar o meu dever, e o meu dever era socorrer aqueles infelizes.

5 Sim, a vindita da lei; lei que infelizmente ainda perdura, lei que garante ao forte o direito abusivo, e execrando de oprimir o fraco.

Mas, deixar de prestar auxílio àqueles desgraçados, tão abandonados, tão perseguidos, que nem para a agonia derradeira, nem para transpor esse tremendo portal da Eternidade, tinham
10 sossego, ou tranquilidade! Não.

Tomei com coragem a responsabilidade do meu ato: a humanidade me impunha esse santo dever.

Fiz deitar a moribunda em uma cama, fiz abrir as portas todas para que a ventilação se fizesse livre, e boa, e prestei-lhe os
15 serviços, que o caso urgia, e com tanta vantagem, que em pouco recuperou os sentidos.

Olhou em torno de si, como que espantada do que via, e tornou a fechar os olhos.

— Minha mãe!... Minha mãe, — de novo exclamou o filho.

20 Ao som daquela voz chorosa, e tão grata, ela ergueu a cabeça, distendeu os braços, e, com voz débil, murmurou:

— Carlos!... Urbano...

— Não, minha mãe sou Gabriel.

25 — Gabriel, — tornou ela, com voz estridente. — É noite, e eles para onde foram?

— De quem fala ela? — interroguei Gabriel, que limpava as lágrimas na coberta da cama de sua mãe.

— É doida, minha senhora; fala de meus irmãos Carlos e Urbano, crianças de oito anos, que meu senhor vendeu para o
30 Rio de Janeiro. Desde esse dia ela endoideceu.

— Horror! — exclamei com indignação e dor. Pobre mãe!

— Só lhe resto eu, — continuou soluçando — só eu... só eu!...

Entretanto, a enferma pouco a pouco recobrava as forças, a vida, e a razão. Fenômenos da morte, por assim dizer: é luta
35 imponente, embora da natureza, com o extermínio.

— Gabriel? Gabriel? — És tu?

— É noite. Eu morro... E o serviço? E o feitor?

— Estás em segurança, pobre mulher, disse-lhe, — tu e teu filho estão sob a minha proteção. Descansa, aqui ninguém lhes tocará com um dedo. 5

Como não devem ignorar, eu já me havia constituído então membro da sociedade abolicionista da nossa província, e da do Rio de Janeiro. Expedi de pronto um próprio à capital.

Então ela fixou-me, e em seus olhos brilhou lucidez, esperança, e gratidão. 10

Sorriu-se e murmurou.

— Inda há neste mundo quem se compadeça de um escravo?

— Há muita alma compassiva, — retorqui-lhe, — que se condói do sofrimento de seu irmão.

Naquela hora quase suprema, a infeliz exclamou com voz distinta: 15

— Não sabe, minha senhora, eu morro, sem ver mais meus filhos! Meu senhor os vendeu... eram tão pequenos... eram gêmeos. Carlos, Urbano... Tenho a vista tão fraca... é a morte que chega. Não tenho pena de morrer, tenho pena de deixar meus filhos... meus pobres filhos!... Aqueles que me arrancaram destes braços... Este que também é escravo!... 20

E os soluços da mãe confundiram-se por muito tempo com os soluços do filho.

Era uma cena tocante e lastimosa, que despedaçava o coração. 25

Ah! Maldição sobre a opressão! Maldição sobre o escravocrata!

Cheguei-lhe aos lábios o calmante que a ia sustendo, e ordenei a Gabriel fosse tomar algum alimento. Era preciso separá-los.

— Quem é vossemecê, minha senhora, que tão boa é para mim, e para meu filho? Nunca encontrei em vida um branco que se compadecesse de mim; creio que Deus me perdoa os meus pecados, e que já começo a ver seus anjos. 30

— E quem é esse senhor tão mau, esse senhor que te mata?

— Então, minha senhora, não conhece o senhor Tavares, do Cajuí?

— Não, — tornei-lhe com convicção, — estou aqui apenas há dois dias, tudo me é estranho; não o conheço. É bom que colha
5 algumas informações dele: Gabriel mas dará.

— Gabriel! — disse ela — não. Eu mesma. Ainda posso falar. E começou:

— Minha mãe era africana, meu pai de raça índia; mas de cor fusca. Era livre, minha mãe era escrava.

10 Eram casados e, desse matrimônio, nasci eu. Para minorar os castigos que este homem cruel infligia diariamente a minha pobre mãe, meu pai quase consumia seus dias ajudando-a nas suas desmedidas tarefas; mas ainda assim, redobrando o trabalho, conseguiu um fundo de reserva em meu benefício.

15 Um dia apresentou a meu senhor a quantia realizada, dizendo que era para o meu resgate. Meu senhor recebeu a moeda sorrindo-se — tinha eu cinco anos — e disse: — A primeira vez que for à cidade trago a carta dela. Vai descansado.

20 Custou a ir à cidade: quando foi demorou-se algumas semanas e, quando chegou, entregou a meu pai uma folha de papel escrita, dizendo-lhe:

— Toma, e guarda, com cuidado, é a carta de liberdade de Joana. Meu pai não sabia ler, de agradecido beijou as mãos daquela fera.

25 Abraçou-me, chorou de alegria, e guardou a suposta carta de liberdade.

Então furtivamente eu comecei a aprender a ler, com um escravo mulato, e a viver com alguma liberdade.

30 Isto durou dois anos. Meu pai morreu de repente e, no dia imediato, meu senhor disse a minha mãe:

— Joana que vá para o serviço, tem já sete anos, e eu não admito escrava vadia.

Minha mãe, surpresa e confundida, cumpriu a ordem sem articular uma palavra.

35 Nunca a meu pai passou pela ideia que aquela suposta carta

de liberdade era uma fraude; nunca deu a ler a ninguém; mas minha mãe, à vista do rigor de semelhante ordem, tomou o papel, e deu-o a ler àquele que me dava as lições. Ah! Eram umas quatro palavras sem nexos, sem assinatura, sem data! Eu também a li, quando caiu das mãos do mulato. Minha pobre mãe deu um grito, e caiu estrebuchando. 5

Sobreveio-lhe febre ardente, delírios, e três dias depois estava com Deus.

Fiquei só no mundo, entregue ao rigor do cativo.

Aqui ela interrompeu-se; agitou-lhe os membros um tremor convulso. A morte fazia os seus progressos. De novo cheguei-lhe aos lábios a colher do calmante, que lhe aplicava, e pedi-lhe, não revocasse lembranças dolorosas que a podiam matar. 10

— Ah! Minha senhora, — começou de novo, mais reanimada; — apadrinhe Gabriel, meu filho, ou esconda-o no fundo da terra; olhe, se ele for preso, morrerá debaixo do açoite, como tantos outros, que meu senhor tem feito expirar debaixo do azorrague! Meu filho acabará assim. 15

— Não, não há de acabar assim, — descansa. Teu filho está sob minha proteção, e qualquer que seja a atitude que possa assumir esse homem, que é teu senhor, Gabriel não voltará mais ao seu poder. 20

Ela recolheu-se por algum tempo, depois tomando-me as mãos, beijou-as com reconhecimento.

— Ah! Se pudesse, nesta hora extrema ver meus pobres filhos, Carlos e Urbano!... Nunca mais os verei! 25

Tinham oito anos.

Um homem apeou-se à porta do Engenho, onde juntos trabalhavam meus pobres filhos — era um traficante de carne humana. Ente abjeto, e sem coração! Homem a quem as lágrimas de uma mãe não podem comover, nem comovem os soluços do inocente. 30

Esse homem trocou ligeiras palavras com meu senhor, e saiu. Eu tinha o coração oprimido, pressentia uma nova desgraça.

À hora permitida ao descanso, concheguei a mim meus pobres filhos, extenuados de cansaço, que logo adormeceram. Ouvi 35

ao longe rumor, como de homens que conversavam. Alonguei os ouvidos; as vozes se aproximavam. Em breve reconheci a voz do senhor. Senti palpitar desordenadamente meu coração; lembrei-me do traficante... corri para meus filhos, que dormiam, apertei-os ao coração. Então senti um zumbido nos ouvidos, fugiu-me a luz dos olhos e creio que perdi os sentidos.

Não sei quanto tempo durou este estado de torpor; acordei aos gritos de meus pobres filhos, que me arrastavam pela saia, chamando-me: mamãe! Mamãe!

Ah! Minha senhora! Abri os olhos. Que espetáculo! Tinham metido adentro a porta da minha pobre casinha, e nela penetrado meu senhor, o feitor, e o infame traficante.

Ele e o feitor arrastavam, sem coração, os filhos que se abraçavam a sua mãe.

Gabriel entrava nesse momento. Basta, minha mãe, disse-lhe, vendo em seu rosto debuxados todos os sintomas de uma morte próxima.

— Deixa concluir, meu filho, antes que a morte me cerre os lábios para sempre... deixa-me morrer amaldiçoando os meus carrascos.

— Por Deus, por Deus, gritei eu tornando a mim, por Deus levem-me com meus filhos!

— Cala-te! gritou meu feroz senhor. Cala-te, ou te farei calar.

— Por Deus, tornei eu de joelhos, e tomando as mãos do cruel traficante:

— Meus filhos!... Meus filhos!...

Mas ele, dando um mais forte empuxão e ameaçando-os com o chicote que empunhava, entregou-os a alguém que os devia levar...

Aqui a mísera calou-se; eu respeitei o seu silêncio que era doloroso, quando lhe ouvi um arranco profundo, e magoado.

Curvei-me sobre ela. Gabriel ajoelhou-se, e juntos exclamamos:

— Morta!

Com efeito tinha cessado de sofrer. O embate tinha sido forte demais para as suas débeis forças.

A lua percorria melancólica e solitária os paramos do céu, e cortava com uma fita de prata as vagas do oceano.

No mesmo instante, um homem assomou à porta. Era o homem do azorrague que eles intitulavam do feitor; era aquele homem de fisionomia sinistra e terrível, que me interpelara algumas horas antes, acerca da infeliz foragida; e este homem aparecia agora mais hediondo ainda, seguido de dois negros que, como ele, pararam à porta. 5 10

— Que pretende o senhor? — perguntei-lhe. — Pode entrar.

O pobre Gabriel refugiou-se, trêmulo, ao canto mais escuro da casa.

— Anda, Gabriel, disse-lhe com voz segura, continua a tua obra, e voltando-me para o feitor, acrescentei: 15

— Eu e este desolado filho ocupamo-nos em cerrar os olhos à infeliz, a quem o cativo e o martírio despenharam tão depressa na sepultura.

Comovidos em presença da morte, os dois escravos deixaram pender a fronte no peito; o próprio feitor, ao primeiro ímpeto, teve um impulso de homem; mas, recompondo de pronto na rude e feroz fisionomia, disse-me: 20

— É hoje a segunda vez que a encontro, minha senhora, entretanto, não sei ainda a quem falo. Peço-lhe que me diga o seu nome, para que eu conheça o patrão, o senhor Tavares. É escandalosa, minha senhora, a proteção que dá a estes escravos fugidos. 25

Estas palavras inconvenientes mereceram o meu desdém; não lhe retorqui.

O meu silêncio lhe deu maior coragem, e, fazendo-se inso- 30 lente, continuou:

— A senhora coadjuvou a mãe em sua fuga; acabou aqui, mais tarde saberemos de quê. Pretenderá também coadjuvar o filho? É o que havemos de ver!...

João, Felix! E com um aceno indicou-lhes o que deviam fazer. 35

Gabriel, que ao meu chamado voltara para junto do cadáver de sua mãe, sentindo que o vinham prender, levantou-se espavorido, sem saber o que fazer.

— Detém-te! — lhe gritei eu. — Estás sob a minha imediata proteção; — e voltando-me para o homem do azorrague, disse-lhe:

— Insolente! Nem mais uma palavra. Vai-te, diz a teu amo, — miserável instrumento de um escravocrata; diz a ele que uma senhora recebeu em sua casa uma mísera escrava, louca porque lhe arrancaram dos braços dois filhos menores, e os venderam para o Sul; uma escrava moribunda; mas ainda assim perseguida por seus implacáveis algozes.

Vai-te e entrega-lhe este cartão; aí achará o meu nome.

Vai, e que nunca mais nos tornemos a ver.

15 Ele mordeu os beiços para tragar o insulto, e desapareceu.

No dia seguinte, era já de tarde, estava quase a desfilar o saimento da infeliz Joana, quando à porta de minha casinha, vi apear-se um homem. Era o senhor Tavares.

20 Cumprimentou-me com maneiras da alta sociedade, e disse-me:

— Desculpe-me, querida senhora, se me apresento em sua casa, tão brusca e desazadamente; entretanto...

— Sem cerimônia, senhor, disse-lhe, procurando abreviar aqueles cumprimentos que me incomodavam.

25 Sei o motivo que aqui o trouxe, e podemos, se quiser, encetar já o assunto.

Custava-me, confesso, estar por longo tempo em comunicação com aquele homem, que encarava sua vítima, sem consciência, sem horror.

30 — Peço-lhe mil desculpas, se a vim incomodar.

— Pelo contrário, retorqui-lhe. O senhor poupou-me o trabalho de o ir procurar.

35 — Sei que esta negra está morta, — exclamou ele, — e o filho acha-se aqui; tudo isto teve a bondade de comunicar-me ontem. Esta negra, continuou, olhando fixamente para o cadáver

— esta negra era alguma coisa monomaníaca, de tudo tinha medo, andava sempre foragida, nisto consumiu a existência. Morreu, não lamento esta perda; já para nada prestava. O Antônio, o meu feitor, que é um excelente e zeloso servidor, é que se cansava em procurá-la. Porém, minha senhora, este negro! — designava o 5
pobre Gabriel, — com este negro a coisa muda de figura; minha querida senhora, este negro está fugido; espero, me entregará, pois sou o seu legítimo senhor, e quero corrigi-lo.

— Pelo amor de Deus, minha mãe, — gritou Gabriel, completamente desorientado, — minha mãe, leva-me contigo. 10

— Tranquiliza-te, — lhe tornei com calma; — não te hei já dito que te achas sob a minha proteção? Não tem confiança em mim?

Aqui o senhor Tavares encarou-me estupefato e depois perguntou-me: 15

— Que significam essas palavras, minha querida senhora? Não a compreendo.

— Vai compreender-me, — retorqui, apresentando-lhe um volume de papéis subscritados e competentemente selados.

Rasgou o subscrito, e leu-os. Nunca em sua vida tinha sofrido 20
tão extraordinária contrariedade.

— Sim, minha cara senhora, — redarguiu, terminando a leitura; — o direito de propriedade, conferido outrora por lei a nossos avós, hoje nada mais é que uma burla...

A lei retrogradou. Hoje protege-se escandalosamente o escravo contra seu senhor; hoje qualquer indivíduo diz a um juiz de órfãos: 25

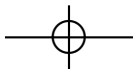
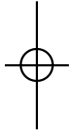
Em troca desta quantia exijo a liberdade do escravo fulano — haja ou não a aprovação do seu senhor.

Não acham isto interessante? 30

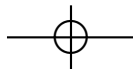
— Desculpe-me, senhor Tavares, — disse-lhe.

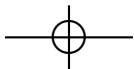
Em conclusão, apresento-lhe um cadáver, e um homem livre. Gabriel, ergue a frente. Gabriel, és livre!

O senhor Tavares cumprimentou e retrocedeu no seu fogoso alazão, sem dúvida alguma mais furioso que um tigre. 35



VERSOS





Uma lágrima

Sobre o sepulcro de minha carinhosa mãe.

E eu vivo ainda!? Nem sei como vivo!...
 Gasto de dor o coração me anseia:
 Sonho venturas de um melhor porvir,
 Onde da morte só pavor campeia.

Lá meus anseios sob a lousa humilde 5
 Dormem seu sono de silêncio eterno!
 Mudos à dor, que me consome, e gasta.
 Frios ao extremo de meu peito terno.

Ah! Despertá-los, quem pudera? Quem? 10
 Ah! campa... ah, campa! Que horror, meu Deus!
 Por que tão breve — minha mãe querida,
 — Roubaste, oh morte, destes braços meus?!...

Oh! não sabias que ela era a harpa
 Em cujas cordas eu cantava amores,
 Que era ela a imagem do meu Deus na Terra, 15
 Vaso de incenso trescalando odores?!

Que era ela a vida, os horizontes lindos,
 Farol noturno a me guiar p'ra os céus;
 Bálsamo santo a serenar-me as dores,
 Graça melíflua, que vem de Deus! 20

Que ela era a essência que se erguia branda
Fina, e mimosa de uma relva em flor!
Que era o alaúde do bom rei — profeta,
Cantando salmos de saudade, e dor!

5 Que era ela o encanto de meus tristes dias,
Era o conforto na aflição, na dor!
Que era ela a amiga, que velou-me a infância,
Que foi a guia desta vida em flor!

10 Que era o afeto, que eduquei cuidosa
Dentro do peito... que era a flor
Grata, mimosa a derramar perfumes,
Nos meus jardins de poesia, e amor!

15 Que era ela a harpa de doçura santa
Em que eu cantava divinal canção...
Era-me a ideia de Jeová na Terra,
Era-me a vida que eu amava então!

20 Oh! minha mãe que idolatrei na Terra,
Que amei na vida como se ama a Deus!
Hoje, entre os vivos te procuro — embalde!
Que a campa pesa sobre os restos teus!...

25 Como se apura moribunda chama
À hora extrema da existência sua:
Assim minha alma se apurou de afetos,
Gemeu de angústias pela angústia tua.

30 E não puderam minha dor, meu pranto,
Pranto sentido que jamais chorei,
Oh! não puderam te sustar a vida,
Que entre delírios para ti sonhei!...

E como a flor pelo rufão colhida
 Vergada a haste, a se esfolhar no chão,
 Eu vi fugir-lhe o derradeiro alento!
 Oh! sim, eu vi... e não morri então!

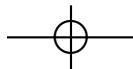
Entanto amava-a, como se ama a vida, 5
 E a minha eu dera para remir a sua...
 Oh! Deus — por que o sacrifício ofertado,
 Não aceitou a onipotência Tua?!...!

Vacila a mente nessa acerba hora
 Entre a fé, e a descrença...oh! sim meu Deus! 10
 Estua o peito, verga aflita a alma:
 Tu me compreendes, Tu nos vês dos céus.

Vacila, treme... mas na própria mágoa
 Tu nos envias o chorar, Senhor;
 Bendito sejas! que esse pranto acerbo, 15
 É doce orvalho, que nos unge a dor.

Lá onde os anjos circundam, dá-lhe
 Vida perene de imortal candura:
 Por cada gota de meu triste pranto,
 Dá-lhe de gozos divinal ventura. 20

E à triste filha, que saudosa geme,
 Manda mais dores, mais pesada cruz;
 Depois, reúne à sua mãe querida,
 No seio imenso de infinita luz.



Minha terra

*Oferecida ao distinto literato o
Sr. Francisco Sotero dos Reis.*

Minha alma não está comigo. Não anda
entre os nevoeiros dos Órgãos, envolta
em neblina, balouçada em castelos de
nuvens, nem rouquejando na voz do
Trovão. Lá está ela.

G. DIAS

Maranhão! Açucena entre verdores, Gentil filha do mar — meiga donzela, Que a nobre fronte, desprendida a coma, Dos seios do Oceano levantaste!	
Quanto és nobre, e formosa — sustentando Nas mãos potentes — como cetro de Ouro, O Bacanga caudal, — o Anil ameno! O curso de ambos tu, Senhora — domas, E seus furores a teus pés se quebram.	5
Oh! como é belo contemplar-te posta Mole sultana num divã de prata, Cobrando amor, adoração, respeito; Dando de par ao estrangeiro — o beijo, E a fronte ornando de lauréis viçosos!	10
Pátria minha natal, — ninho de amores... Ai! miséria de mim... quisera dar-te Na lira minha mavioso canto, Canto exaltado que elevar-te fora	15

‘Té onde levas a nobreza tua!
Porém o estro deserdado, e pobre,
Sonha, e não pode obrar o seu intento.

5 Campeia indolente no leito gentil,
Cercada das vagas amenas, danosas;
Das vagas macias, quebradas, cheirosas
Do salso Bacanga, do fértil Anil.

10 Formosa rainha, c’roada de louros,
Altiva levanta tua frente gentil;
Que Deus concedeu-te de graças — tesouros,
Criando-te o mínimo do vasto Brasil.

15 Exalta teus filhos fervente entusiasmo
E quebram num dia sangrento grillão!
Contempla a Europa tal feito — com pasmo...
E bradas: sou livre!... com grata efusão.

Maranhão! Açucena entre verdores,
Campeando gentil, bela, e donosa;
Como em haste mimosa altiva rosa,
Como lírio do val cobrando amores.

20 És ninfa sobre as águas balouçada,
Descuidosa brincando em salsa praia;
No pego mergulhada a nívea saia,
A nobre frente de festões ornada.

25 Princesa do Oceano! a frente alçaste
Por tantos séculos abatida, e triste...
Um eco aqui repercutir-se — ouviste,
E as vis algemas sob os pés quebraste!

Quebraste os ferros — que o Brasil não sofre,

Sequer um dia ser escravo, — não.
 És livre, és grande! Tão sublime ação
 Quem fez jamais — e tanto assim de chofre?!...

O grito lá da serra do Ipiranga,
 O grito todo amor, fraternidade, 5
 Ecoou no teu seio! a liberdade,
 Pairou sobre o Anil, sobre o Bacanga!

Eis-te bela, coroadada, e sedutora,
 Pomposa, e descuidada, sobranceira;
 Em teu divã gentil, gentil, sultana, 10
 Filha das vagas, e do mar senhora,

A unânime grito se erguia a cativa
 Que jaz a dormir;
 E ao som prolongado que os ecos repetem
 Desperta a sorrir: 15

Os braços distende — que agora é rainha:
 Quebrou-se o grilhão!
 Com a fronte cingida de louros tão gratos
 Se erguem Maranhão!

O pego, as florestas, os campos que regem 20
 Os vastos sertões,
 Entoam seu hino de amor, liberdade!
 Ao som dos canhões

E prados, e bosques, e sendas bordadas
 De verdes tapizes, 25
 E ribas salgadas, e gratos mangueiros,
 Se julgam felizes...

E as auras despertam, tecendo mimosos
Festejos a mil!
E o grato Bacanga parece em amplexo
Ligar-se ao Anil.

5 Campeia indolente no leito gentil
Domina as florestas os gratos vergéis;
Renova na fronte singelos lauréis,
Esmalta o império do vasto Brasil.

A lua brasileira

*Oferecida ao Ilmo. Sr. Dr. Adriano Manoel Soares.
Tributo de amizade e gratidão.*

É tão meiga, tão fagueira,
Minha lua brasileira!
É tão doce, e feiticeira,
Quando airosa vai nos céus;
Quando sobre almos palmares, 5
Ou sobre a face dos mares,
Fixa nívea seus olhares,
Que deslumbram os olhos meus...

Quando traça na campina
Larga fila diamantina, 10
Quando sobre a flor marina
Derrama seu lindo albor;
Quando esparge brandamente
Por sobre a relva virente
Seu fulgor alvinitente 15
Seu melindroso esplendor...

Quando sobre a fina areia,
Que a vaga beijar anseia,
Molemente ela passeia,
Desdobrando alvo lençol; 20
Quando ao fim da tarde amena,
Ressurge pura e serena,
Disputando nessa cena
Primores co'ò rubro sol...

Que eu sinto meu pobre peito
Comovido, ao fim desfeito
Por tanto encanto sujeito,
Por tantos gozos — meu Deus,
5 E eu vejo os anjinhos teus,
Noutras nuvens, noutros céus
Novos mundos construir.
Podem outros seus encantos
Ver também — gozar seus prantos;
10 Pode cantá-la em seus cantos
Qualquer jovem trovador;
Vendo-a bela sobre os montes,
Ou retratada nas fontes,
Surgindo nos horizontes
15 C'roada de níveo albor.
Mimosa, pura; — mas bela
Assim branca, assim singela,
Como pálida donzela,
Que geme na solidão;
20 Assim leda, acetinada,
Como flor na madrugada,
Pelo rocio beijada,
Beijada com devoção;
Assim em sua frescura,
25 Com tão maga formosura,
Percorrendo essa planura,
De nossos formosos céus;
Assim não. Assim somente
Mimosa, pura, indolente
30 A vemos nós... fado ingente
Foi este que nos deu Deus.

Quem não ama vê-la assim
 Com a candidez do jasmim,
 Espargindo amor sem fim,
 Nas terras de Santa Cruz!
 Quem não ama entusiasmado 5
 Da noite o astro nevado,
 Que com o rosto prateado
 Tão meigamente seduz!...

Quem não sente uma saudade,
 Vendo a lua em fresca tarde, 10
 Branca — em plena soledade
 Vagar nos campos dos céus!...
 Quem não tece com fervor,
 No peito em que mora a dor,
 Um hino sacro de amor, 15
 Um terno hino a seu Deus!...

Eu por mim amo-te, oh! bela,
 Que semelhantes à donzela,
 Com roupas de fina tela,
 Com traços de lindo albor; 20
 Que vai pura aos pés do altar,
 Por doce extremo de amar,
 Ao terno amante jurar,
 Lealdade, fé — e amor.

Amo ver-te assim fagueira 25
 Minha lua brasileira,
 Qual menina feiticeira,
 Que promete, e foge e ri,
 E depois, sempre folgando
 Vem com beijinhos pagando 30
 Aquele, que a afagando
 De novo a chamara a si.

Assim tens meus tristes cantos,
Soltos ao som dos meus prantos,
Que me inspiram teus encantos,
Da noite na solidão;
5 A meiga lua querida,
Melancólica, e sentida,
Com tua face enternecida,
Minha constante aflição.

Uma tarde em Cumã

Aqui minh'alma expande-se, e de amor
Eu sinto transportado o peito meu;
Aqui murmura o vento apaixonado,
Ali sobre uma rocha o mar gemeu.

E sobre a branca areia — mansamente
A onda enfraquecida exausta morre.
Além, na linha azul dos horizontes,
Ligeirinho baixel nas águas corre.

Quanta doce poesia, que me inspira
O mago encanto destas praias nuas
Esta brisa, que afaga os meus cabelos,
Semelha o acento dessas fases tuas.

Aqui se ameigam de meu peito as dores
Menos ardente me goteja o pranto;
Aqui, na lira maviosa e doce
Minha alma trina melodioso canto.

A mente vaga em solidões longínquas,
Pulsa meu peito, e de paixão se exalta;
Delírio vago, sedutor quebranto,
Qual belo íris, meu desejo esmalta.

Vem comigo gozar destas delícias,
Deste amor, que me inspira poesia;
Vem provar-me a ternura de tua alma,
Ao som desta poética harmonia.

Sentirás ao ruído destas águas,
Ao doce suspirar da viração,
Quanto é grato o amor aqui jurado,
Nas ribas deste mar, — na solidão.

5 Vem comigo gozar um só momento,
Tanta beleza a me inspirar poesia!
Ah! vem provar-me teu singelo amor
Ao som das vagas, no cair do dia.

Súplica

Dá, Senhor, que breve passe
Sobre a terra — o meu viver;
Bem vês, a flor desfalece
Da tarde no esmorecer;
Entretanto a flor é bela, 5
É bela de enlouquecer.

Mas eu triste, — eu que na vida
Só hei provado amargura,
Que o sonho de um doce gozo
Não permite a desventura, 10
P'ra que amar a existência
Árdua, mesquinha e tão dura?!...

P'ra que viver, se esta vida
É martírio eterno, e lento?
E frágoa a existência, 15
É século cada momento:
P'ra que a vida, Senhor,
Se a vida vale um tormento!!!...

Dá, Senhor meu Deus, que breve
Se me antolhe a sepultura: 20
Que vale a vida seus gozos,
Que vale sonhar ventura,
E trago, a trago esgotar,
Fundo cálice de amargura!

Que importa a mim, se no bosque,
Canta a mimosa perdiz?
Seu canto tão repassado
De amores, — o que é que diz?
5 Assim da brisa o segredo,
Da flor o grato matiz!...

A onda, que molemente
Na erma praia passeia,
Sente deleite beijando
10 A branca, mimosa areia,
A onda goza... e eu triste!
Nada me apraz, me recreia.

O vate pulsando a lira,
Embora banhada em pranto,
15 Sente ungir-lhe o peito aflito
Bálsamo, puro, e bem santo,
Se ele inspirado desfere
Seu dulio, mimoso canto.

Mas, eu não — não tenho amores,
20 Não me anima uma ilusão;
Meu sonhar é vago anseio,
Que mais me dobra a aflição;
Sinto gelado meu peito,
Sinto morto o coração.

Morto... morto, nem palpita,
Que funda dor o matou!
Que foram desses anelos,
Dos sonhos que o embalou?
Tudo... tudo jaz desfeito...
30 Tudo, meu Deus... acabou!

Dá, Senhor, que breve passe
Sobre a terra o meu viver!
É sacrificio perene
Tão agros dias sofrer!
Dá que breve sob a lousa
Meu corpo vá se esconder.

5

